



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

NELCIMÁRIA SANTOS MORAES

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR:
VIVÊNCIAS DAS MULHERES E SEUS GRUPOS PRODUTIVOS NO MUNICÍPIO
DE QUIXABEIRA - BA**

JACOBINA – BAHIA

2018

NELCIMÁRIA SANTOS MORAES

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR:
VIVÊNCIAS DAS MULHERES E SEUS GRUPOS PRODUTIVOS NO MUNICÍPIO
DE QUIXABEIRA - BA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade do Estado da
Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas
– Campus IV, como parte das exigências normativas
obrigatórias para obtenção do título de Licenciatura
Plena em Geografia.

Sobre orientação: Professora Gislene Maria Mota Dos
Santos

JACOBINA – BAHIA

2018

NELCIMÁRIA SANTOS MORAES

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR:
VIVÊNCIAS DAS MULHERES E SEUS GRUPOS PRODUTIVOS NO MUNICÍPIO
DE QUIXABEIRA - BA**

Monografia submetida à aprovação do corpo docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, como parte das exigências normativas obrigatórias para a conclusão da Graduação de Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovada em: _____, de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Professora Gislene Maria Mota Dos Santos (Orientadora)

UNEB/DCH IV

Professor Carlos Lima Ferreira (Avaliador)

UNEB/DCH IV

Professora Maria Dalva de Lima Macêdo (Avaliadora)

UNEB/DCH IV

A minha família, em especial aos meus pais: Nivaldo A. de Moraes e Maria da Paz S. Moraes que me apoiou e me incentivou a chegar à universidade. Com eles aprendi a construir este sonho que hoje torna se realidade, fechando assim mais um ciclo da minha vida. Gratidão eterna.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida, pela força e coragem que me sustentaram nos momentos difíceis, pela alegria de poder celebrar cada conquista.

À toda a minha família, em especial aos meus dois irmãos, Nilmarcos S. Moraes e Neurimar S. Moraes que sempre me apoiou em minhas decisões.

Ao meu querido esposo Mario Nilton, pela paciência, carinho, amor e apoio dedicados desde o dia em que comecei o curso.

A minha melhor amiga de infância, minha madrinha e prima, Ediane Bispo pelo incentivo a entrar na universidade, por tantas dicas e ajudas no decorrer de todo o curso.

As companheiras Luciana Sarno, Joilma Rios, Mathilde Chaigneau, Júlia Scaglione e Conceição Alves que fizeram parte do Instituto de Permacultura da Bahia (IPB), juntas desenvolvemos o projeto inicial que me instigou a dá prosseguimento, pesquisando os resultados deixados por esse projeto. Minha sincera gratidão a vocês mulheres da luta que não me deixaram desanimar.

À Mestre Gislene Mota dos Santos por ter aceitado me orientar durante o trabalho de conclusão do curso.

À todos os professora do Campus IV, os quais tive a hora de conviver e aprender muito, gratidão por tantos ensinamentos, paciência, carinho e amizade dedicados no decorrer do curso.

Ao colegiado de Geografia, na pessoa de Divaneide dos Reis, exemplo de profissional, atenciosa e eficiente. Sempre disposta a nos ajudar.

Aos meus caros colegas da turma 2014.1 pelo apoio nas horas difíceis, pela diversão nas horas alegres e pela convivência durante este período.

Aos amigos que a UNEB me presenteou, Jobison Reis, Solange Matos, Lucinda Carneiro e Vanderléia Carneiro, junto com vocês dividir os momentos alegres e tristes de todo esse ciclo, gratidão pela amizade.

A todos que direta ou indiretamente me proporcionaram conhecimentos, apoio e amizade ao longo de todo o curso.

MORAES, Nelcimária Santos. **Relações de gênero na agricultura familiar: vivências das mulheres e seus grupos produtivos no município de Quixabeira.** 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Curso de Geografia, Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2018.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo, analisar como ocorreu o desenvolvimento organizacional, econômico e das relações de gênero dos grupos produtivos de mulheres. Grupo estes, que foram apoiados pelo projeto “Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!”, desenvolvido pelo Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) e financiado pelo Governo Estadual, através da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE). O município de Quixabeira, historicamente tem recebido projetos sociais de apoio às políticas públicas. No entanto, não há nenhum estudo que comprove a real contribuição para o desenvolvimento local sustentável destes projetos. Nesse sentido, esta pesquisa pretende identificar se houve contribuição ou não do projeto para a vida das mulheres envolvidas no processo. Para tanto da discussão teórica foram discutidos temas pertinentes ao objetivo do projeto, como: desenvolvimento sustentável, território e relações de gênero na agricultura familiar. Utilizou-se a metodologia de pesquisa de campo e bibliográfica a partir dos pressupostos teóricos dos autores mais citados nesse trabalho são: Siliprandi E. (2015), LISBOA, T. K., (2003), TORRENS, J. C. S, MENASCHE, R. (1996).

Palavras-chave: Agricultura familiar; relações de gênero; desenvolvimento sustentável

MORAES, Nelcimária Santos. **Relations in family agriculture: experiences of women and their productive groups in the municipality of Quixabeira.** 2018.42 f. Work of conclusion of course (CBT) Course of geography, University of the State of Bahia, Bahia, 2018.

ABSTRACT

The present work had as objective, analyze how the organizational, economic development and gender relations of productive groups of women. These group, which were supported by the project "Women Organized, a wish our action!", developed by Permaculture Institute of Bahia (IPB) and funded by the State Government, through the Department of labor, employment, income and Sport (SETRE). The municipality of Quixabeira, has historically received social projects in support of public policies. However, there is no study that proves the real contribution to the local sustainable development of these projects. In this sense, this research aims to identify whether or not the project contribution to the lives of women involved in the process. To both the theoretical discussion were discussed themes relevant to the objective of the project, such as: sustainable development, and gender relations in family agriculture. We used the methodology of field research and bibliography from the theoretical assumptions of the most cited authors in this work are: Siliprandi (2015), LISBON, t. k., (2003), TORRENS, j. c. S, MENASCHE, r. (1996).

Keywords: family agriculture; gender relations; sustainable development

LISTA DA SIGLAS

AFACAMUQ – Associação das Famílias Carentes do Município de Quixabeira

AMTQ – Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira

APPJ – Associação de Pequenos Produtores de Jaboticaba

ASA – Articulação no Semiárido Brasileiro.

CEMTR - Comissão de Mulheres Trabalhadoras Rurais.

COMVIVER – Programa de Convivência com o Semiárido

COOPES – Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina

DAP – Declaração de Aptidão ao PRONAF

DESER – Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais

EFA – Escola Família Agrícola

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

GT – Grupo temático.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.

IPB – Instituto de Permacultura da Bahia.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

P1+2 – Programa Uma Terra e Duas Águas

P1MC – Programa Um Milhão de Cisternas

PLANAPO – Plano Nacional de Produção Orgânica e Agroecologia

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar.

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SETRE - Secretária do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte.

STTR – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira

UNICAFES - União Nacional das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária do estado da Bahia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DISCUSSÃO TEÓRICA	15
1. Desenvolvimento sustentável	15
2. Território	16
3. Relações de Gênero na Agricultura familiar	18
4. <i>Agricultura Familiar no Âmbito da Agroecologia</i>	24
2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE QUIXABEIRA	26
5. Aspectos físicos, sociais e econômicos	27
6. Grupos produtivos por localidade	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	32
3.1 Resultados	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, intitulada: *Relações de gênero na agricultura familiar: vivências das mulheres e seus grupos produtivos no município de Quixabeira – BA*, busca analisar o processo de constituição, desenvolvimento econômico e organizacional dos grupos produtivos formados por mulheres que, juntas produzem alimentos e comercializam para a prefeitura municipal que mediante ao cardápio de alimentação, repassa para as escolas do referido município.

Os grupos produtivos formados por mulheres são identificados de duas formas: grupos formais que são aqueles que têm sede própria e que as agricultoras comercializam por meio de Declaração de Aptidão ao PRONAF (DAP) jurídica como empreendimento coletivo, por exemplo: cooperativas. E os grupos informais, que são aqueles em que as agricultoras comercializam seus produtos por meio da DAP individual.

Todos os grupos produtivos, foram apoiados pelo Projeto de formação intitulado: *Mulheres organizadas, um desejo nossa ação!* Ocorrido entre Junho de 2013 a Junho de 2015, este projeto foi elaborado e desenvolvido pelo Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) e financiado pelo Governo Estadual, através da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE). Esse Projeto se constituiu em um espaço de interação, articulação política e econômica nos municípios de Quixabeira e Várzea da Roça. Vale ressaltar que este último município não será analisado na presente pesquisa.

O projeto *Mulheres organizadas, um desejo nossa ação!* foi pensando como estratégia para melhorar as relações de gênero, o fortalecimento das práticas agroecológicas, estas que são desenvolvidas pelas mulheres em suas atividades de plantio e criação de animais; como também, compreender como se encontram as atividades desses grupos econômicos solidários e o *empoderamento* (termo proposto por Paulo Freire) das mulheres envolvidas nessas atividades coletivas.

Partindo do princípio de que as mulheres participam diretamente ou indiretamente de atividades produtivas, seja no campo ou na cidade, a referida pesquisa teve como principal problema, identificar as mudanças ocorridas ou não nas

relações de gênero depois do projeto e em quais aspectos houve maior desempenho. Os aspectos que serão analisados se resumem em: produtivo, econômico e social.

Desta forma, constitui-se como objetivo geral desde estudo: Analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, social e as relações de gênero dos grupos produtivos de mulheres no município de Quixabeira. Foram definidos os seguintes objetivos específicos: reconhecer os pontos positivos e negativos do projeto social vivenciado pelos grupos produtivos de mulheres e identificar os aspectos que mais avançaram nas relações de gênero dentro da família de cada participante do grupo.

Quanto à justificativa da proposta, vale ressaltar que falar das relações de gênero no contexto da agricultura familiar, torna-se uma tarefa necessária para a construção da igualdade de direitos entre mulheres e homens da sociedade contemporânea. Entretanto, partindo da realidade local em que se constitui a presente pesquisa, levantamos alguns dados:

O município de Quixabeira está localizado no Território de Identidade, Bacia do Jacuípe, o mesmo se apresenta com características eminentemente rurais, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 55% da população vive no campo e mesmo quem reside na cidade mantêm algum vínculo com o campo, com suas tradições e cultura. E ainda, tem 58,56% de sua população considerada de baixo poder econômico, sendo que a maior parte da população, possui renda oriunda da agricultura familiar e de programas sociais.

No município de Quixabeira as atividades econômicas são majoritariamente rurais, dependentes da agropecuária, que hoje é focada na monocultura de mandioca e na criação de grandes e pequenos animais como aves e suínos, com o uso de insumos, adubos e agrotóxicos. O papel das mulheres como responsáveis pelos cuidados do lar é historicamente exercido por elas e dessa forma as aproximam e as mantêm no espaço doméstico e no seu entorno, além de marginalizá-las enquanto protagonistas de atividades agrícolas, pecuária ou atividades relacionadas, geradoras de produtos comercializáveis e conseqüentemente de renda monetária. Enquanto sua produção, do quintal e entorno é desvalorizada, pois não costuma gerar papel moeda, ao passo que é utilizada na alimentação da família ou na troca com a vizinhança.

De acordo com Torrens (1996) as mulheres em geral e as jovens em específico detêm pouco poder de decisão sobre a propriedade familiar e a produção. Quando existe um espaço de produção de seu domínio, reduzido ao entorno da casa e identificado como quintal, no geral apresenta capacidade para atividades de horticultura, fruticultura e criação de pequenos animais como aves e suínos. Estas atividades são vistas como menores, desvalorizadas em relação ao conjunto da renda da família, essa situação invisibiliza o trabalho realizado pelas mulheres, apesar de muitas vezes, essa produção apresentar melhores possibilidades reais de comercialização. O planejamento produtivo da unidade familiar é centrado nas atividades desenvolvidas pelos homens, como o roçado e a criação de animais de grande e médio porte.

As mulheres se encontram, portanto, com menor capacidade de gerar excedentes que possam ser comercializados e gerar renda monetária, o que não proporciona autonomia, as torna grupo vulnerável à violência intrafamiliar, diminui sua autoestima e contribui para o maior êxodo rural entre as mulheres jovens, o que pode ser notado na menor população feminina no campo.

O Ministério da Saúde (2001), retrata que a violência intrafamiliar causa não apenas danos à saúde, mais também consequências gravíssimas no âmbito social.

Quando se fala de violência intrafamiliar, deve-se considerar qualquer tipo de relação de abuso praticado no contexto privado da família contra qualquer um dos seus membros. As estatísticas são eloquentes ao assinalar o homem adulto como autor mais frequente dos abusos físicos e/ou sexuais sobre meninas e mulheres. No entanto, o abuso físico e a própria negligência às crianças são, muitas vezes cometidos pelas mães, e no caso dos idosos, por seus cuidadores.

Faz se necessário a desconstrução desse contexto de violência intrafamiliar, considerando todos os fatores como opressão e diminuição do papel da mulher na sociedade contemporânea.

Em relação aos produtos comercializados e aos mercados alcançados, a quantidade comercializada é considerada aquém da demanda dos mercados institucionais e locais. Em espaços de articulação com parceiros do Instituto de Permacultura da Bahia foi sinalizado pela prefeitura de Quixabeira a disponibilidade em aumentar a quantidade de produtos adquiridos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) desse município. Desta forma um aumento na quantidade produzida, assim como a melhoria na qualidade dos produtos são

avaliados pelos parceiros do projeto¹ como garantia de aumento na renda das mulheres. Essa avaliação foi realizada em dois períodos, uma ao final do ano I (2014) e a outra no final do ano II (2015).

A representação das agricultoras, em especial as jovens na faixa etária de 16 a 29 anos, em espaços de articulação social e de gestão e controle de políticas públicas é limitada. A atribuição naturalizada dos trabalhos reprodutivos e de cuidados às mulheres desde jovens tem como uma de suas consequências o maior tempo destinado ao trabalho doméstico e de cuidados e, portanto, menor tempo para outras atividades, como a representação política. As mulheres quase sempre têm uma jornada semanal maior do que a dos homens além de ter uma dedicação maior aos afazeres domésticos, situação que se intensifica no meio rural.

Entretanto encontra-se uma conjuntura na qual a maior parte das lideranças são do sexo masculino, o que caracteriza uma tendência à defesa de interesses não específicos de mulheres jovens, grupos que tem sua representação limitada por não ocuparem cargos nas organizações municipais e por suas capacidades de organização de demandas limitada, também é resultado de investimento em formação política centrados nas lideranças masculinas.

Os grupos que tem sua formação composta apenas por mulheres, como critério de formação, as participantes interessadas devem demonstrar organização e boa higiene já que todos os grupos produzem e comercializam alimentos, os principais desafios enfrentados são relacionados à produção, comercialização, acesso aos mercados e também com as relações interpessoais nos grupos, fruto do meio social, das opressões de gênero e de raça, do sexíssimo/machismo, do estímulo intenso à competição em detrimento da cooperação. Todos esses elementos são dificuldades enfrentadas pelos grupos no seu dia-a-dia e que muitas vezes vem a causar fissuras, abandono do grupo chegando até ao encerramento de alguns destes.

Nos últimos anos, as mulheres que vivem tanto na sede quanto nos povoados e fazendas do município, têm se dedicado a trabalhos coletivos que gerem rendas e melhorem a qualidade de vida de suas famílias. Por essa razão, tem procurado se

¹ Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Quixabeira - STTR e Associação de Mulheres Trabalhadoras de Quixabeira – AMTQ.

capacitar e se organizar através de iniciativas próprias e de incentivos de outras pessoas.

Quanto aos procedimentos metodológicos deste trabalho, busca responder ao seguinte questionamento: *Quais foram as contribuições deixadas pelo projeto “Mulheres Organizadas, um desejo, nossa ação!” para os grupos produtivos. E hoje, de que forma estão se desenvolvendo tais grupos.*

Contudo, a redação desse trabalho, está estruturado em três capítulos, incluindo a Introdução, na qual contextualiza-se a pesquisa, expondo o problema e os objetivos a serem alcançados no trabalho.

O capítulo 1, denominado *Discussão teórica*, trata de conceitos relevantes para esta pesquisa. O conceito de desenvolvimentos sustentável, focando a dimensões social e ambiental, bem como os temas que envolvem território, relações de gênero na agricultura familiar.

O capítulo 2, intitulado *Caracterização do município de Quixabeira*, se descreve o cenário da pesquisa, identificando as características mais gerais do município.

No capítulo 3, trata-se dos *procedimentos metodológicos*, nos quais são delineados os caminhos da pesquisa, bem como o instrumento utilizado na produção de informações. Outro aspecto importante nesse capítulo são os *resultados* mediante a análise dos dados coletados através de questionário descritivo-qualitativo aplicados com as mulheres que participaram/participa dos grupos produtivos e se dispuseram a colaborar com esta pesquisa.

Nas Considerações finais, são apresentadas as principais conclusões da pesquisa, destacando os resultados obtidos nas ações desenvolvidas

1 DISCUSSÃO TEÓRICA

Na essencialidade da temática referente as relações de gênero existente no contexto da agricultura familiar, através deste trabalho levantarei suas particularidades específicas do município pesquisado, tendo em vista que o município de Quixabeira tem sua sustentabilidade baseada na economia agrícola, visto a necessidade de relacionar a vivências das mulheres rurais que além de buscarem a melhoria da renda familiar, também lutam pela valorização do seu trabalho e sua contribuição para o desenvolvimento sustentável do meio em que vivem.

Nesse sentido, as relações de gênero também perpassa pelos atributos do território rural que acaba adotando diferentes formas de produção, criando múltiplas paisagens, tornando o rural brasileiro contemporâneo, cada vez mais heterogêneo e interligado com o urbano.

1. Desenvolvimento sustentável

O termo desenvolvimento sustentável, pode ser definido por diversos véis, porém destacarei o termo apenas no véis da agricultura familiar.

Nesse sentido, o desenvolvimento sustentável para os agricultores e agricultoras familiares se baseia na capacidade de se auto sustentarem, ou seja, através da sustentabilidade e seus pilares: o ambiental, o econômico e o social. A integração destes três pilares contribuem para o desenvolvimento sustentável para esta e para as futuras gerações. Entretanto, os autores Caporale e Costabeber (2004) abordam o trabalho com a agricultura familiar na perspectiva da construção da sustentabilidade exige de parte dos “agentes de desenvolvimento” (ONG e Governos) a compreensão de que os agricultores e agricultoras tradicionais no processo de inserção em sua matriz social, estão submetidos a um contexto ecológico específico e sua socialização ocorre mediante um processo de aprendizagem, experimentação, o e erro, mediados pelos processos e vivências do seu cotidiano.

Desta forma, como ensina Iturra (1993), o saber dos agricultores e agricultoras se desenvolve na sua heterogênea ligação ao grupo doméstico e ao grupo de trabalho e, portanto, a “conduta reprodutiva rural” é o resultado de uma acumulação de conhecimentos uma epistemologia sobre o sistema de trabalho que não vem de livros

e textos, mas sim da relação entre as pessoas, seu ambiente e as interações resultantes desta ligação.

Nesta perspectiva, a busca pela sustentabilidade na agricultura e no desenvolvimento rural implica reconhecer a existência deste saber construído mediante uma lógica indutiva que vai sendo estabelecido na história dos grupos sociais na medida em que se vê fazer, se escuta para poder dizer, explicar e devolver este conhecimento. Sendo, pois, a agricultura uma atividade humana, ela é uma construção social que, além de ser ambientalmente determinada, está subordinada a determinados condicionantes socioculturais, entre os quais se destaca o conhecimento ou o saber local.

2. Território

A Geografia, vista como uma ciência integral, busca estrategicamente dar conta do todo. Essa pretensão integral da ciência repercute em seus conceitos principais que culminam por apresentar múltiplas dimensões de análise, assim como acontece com o conceito de território. Segundo Mazzetto, que recorda a definição de “território usado” de Milton Santos compreende-se que:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS apud MAZZETTO, 2007, p.52).

Entretanto, “o desenvolvimento territorial é um espaço construído a partir da conectividade interdependente dos diversos segmentos da sociedade”. Desta forma, o território não está imune a uma base heterogênea, muito menos é um conceito puro, exclusivamente geográfico, e que dentro da própria geografia se podem encontrar distintas concepções de território, cada uma dando maior foco para esta ou aquela esfera de sustentação. Assim como o conceito de território, consequentemente o estudo da territorialidade também assume diferentes significações.

A percepção a acerca do território também perpassa pelo reconhecimento de identidade entre os indivíduos e grupos sociais; os laços explícitos e implícitos que moldam até certo ponto uma personalidade, pois, de acordo com Vasconcellos e

Vasconcellos (2009, p.270) a identificação entre os indivíduos e os grupos sociais é “marcado pela cultura do contexto em que se situa, e é considerado como conjunto de atividades culturais, econômicas, políticas e sociais.” Assim como o trabalho realizado pelas mulheres no núcleo familiar, adota todas essas atividades de maneira que ambas se relacionam entre se. Sendo assim, o desenvolvimento territorial é visto como uma possibilidade construída a partir da conectividade interdependente dos diversos segmentos da sociedade.

A conectividade e a interdependência entre os segmentos da sociedade civil organizada geram novas estratégias de desenvolvimento, que para Vasconcellos e Vasconcellos (2009, p. 269) “introduz uma nova metodologia participativa, pela qual se mobilizam recursos da sociedade civil em parceria com o Estado”. Entretanto esse fato torna a Sociologia e os estudos das comunidades locais cada vez mais próximos, abrangendo suas potencialidades, prioridades e elaboração de ações que viabiliza o desenvolvimento territorial.

Buscando aproximar e relacionar o conceito de território com a realidade vivenciada no município pesquisado, vale salientar o novo funcionamento do território proposto por Milton Santos (1998), que ocorre através de horizontalidades ou seja, lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial e verticalidades formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais. O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade. Tal conjuntura se aplica nos grupos de mulheres que apesar de aturem de forma espalhada por todo o município, acabam formando uma rede em que comungam praticamente dos mesmos objetivos. Assim: “As uniões horizontais podem ser ampliadas, mediante as necessidades próprias, novas formas de produção e de consumo. Um exemplo é a maneira como produtores rurais se reúnem para defender os seus interesses, o que lhes permitiu passar de um consumo puramente econômico, necessário às respectivas produções, a um consumo político localmente definido.”

Entretanto a formação de uma rede territorial composta pelos grupos produtivos é um sonho, porém não muito distante, já que as mulheres envolvidas nesse processo tem a determinação e a coragem para seguir em frente na busca de melhores caminhos, que se comprovam através das vivencias, dos desafios já enfrentados desde o início dos trabalhos de grupos até os dias de hoje.

3. Relações de Gênero na Agricultura familiar

O termo “gênero” refere-se a características que foram socialmente construídas, ao longo da história que por motivos ligadas a esfera políticas, econômicas, culturais e sociais, atribui papéis diferentes as mulheres e aos homens. Dessa forma, gênero é uma construção simbólica e contém o conjunto de características designadas às pessoas a partir do sexo. Por sua vez, o sexo e o gênero não estão condicionados um ao outro de maneira reducionista, a própria sexualidade é uma diferença construída social, histórica e culturalmente.

A agricultura familiar brasileira é caracterizada pela participação de todos os membros da família nas áreas produtivas, entretanto é dando maior ênfase na figura do homem como o principal membro deste grupo, isto é, aquele que detém o conhecimento e domínio de toda cadeia de produção de sua propriedade. De acordo com a obra coletiva intitulada Retrato da Desigualdade de Gênero e Raça, produzido pelo IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2011). Esta condição acaba invisibilizando o papel da mulher como antagonista na relação de produção e de entendimento e apropriação das técnicas de produção. Esta incoerência de gênero é um fato decorrente ao longo da história de sublevação do papel da mulher na sociedade, que felizmente, nos últimos tempos vem ocorrendo uma inversão de papéis e aos poucos o reconhecimento dos trabalhos das mulheres.

De acordo com Woortmann (1995) a forma de produção é pensada e praticada através de uma cultura de divisão de papéis a serem executadas por homens e mulheres, aos homens cabe o trabalho mais pesado em consonância com sua natureza biológica que lhes tornam aptos a: abrir a mata, cuidar do gado, cortar a madeira, e para a mulher, ocorre o contrário, seu corpo é condicionado ao trabalho de cuidado com a horta, com a casa, com a preparação dos filhos que acaba por reproduzir esse modelo social rural por herança, e o próprio cuidado do esposo, sendo este último talvez a mais importante função da tarefa da esposa. Tornando-se questionável as funções que determinam a construção protagonista da masculinidade à frente da relação de produção dentro do grupo familiar. Cada um tem sua função e quase nunca são relacionadas.

Neste aspecto a mulher enquanto conjugue que teoricamente tem os mesmos direitos possui uma participação majoritária no âmbito da casa, isto é, os trabalhos

que elas realizam na roça, ou qualquer outro fora da casa são vistos como ajuda e nunca como emprego gerador de renda. Se dentro de casa o trabalho é tido como serviço, ou até mesmo prazer, ou favor, como lembra Schneider (2005), é de se problematizar também a relação de gênero no meio rural, pois a relação de desejos no que diz respeito a individualidade, é o ponto de tensão condescendente com a cultura binária de espaços. Por tanto, o desejo de ocupar outros espaços sociais não é um sentimento desconhecido para as mulheres, em especial as mulheres mais jovens do meio rural.

Inserção das mulheres nos espaços públicos – percebe-se que, aos poucos as mulheres vêm conquistando espaços que antes era liderando apenas pelos homens. Esta prática é bastante visível no município de atuação da presente pesquisa, principalmente os espaços políticos e de entidades sociais.

No que se refere a agricultura familiar a autora Siliprandi (2015), salienta que algumas mudanças vêm ocorrendo tanto na forma como a agricultura familiar tem sido tratada pelas políticas públicas brasileiras. Quanto no espaço ocupado pelas mulheres nesse campo político. Em outubro de 2013, por exemplo, durante a II Conferência Nacional de Desenvolvimento Rural, a ex-presidente Dilma Rousseff apresentou publicamente o Plano Nacional de Produção Orgânica e Agroecologia (PLANAPO), fazendo uma referência explícita ao atendimento de uma reivindicação do movimento de mulheres trabalhadoras rurais, a Marcha das Margaridas de 2011.²

No contexto da agricultura familiar, envolvendo os aspectos social, econômico e cultural as mulheres quixaberenses, acaba assumindo papel fundamental, o de propagação e preservação da agrobiodiversidade, tornando-a mais visível diante da sociedade que infelizmente ainda não reconhece a importante contribuição das mulheres na busca pelo desenvolvimento no meio rural. Para Ferreira (2015), a perspectiva de gênero dentro das relações sociais e produtivas no campo é necessária e indispensável, dada a emergência de se refletir profundamente sobre os

² Marcha das Margaridas é uma ação estratégica das mulheres do campo e da floresta que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas e de mulheres. É um grande momento de animação, capacitação e mobilização das mulheres trabalhadoras rurais em todos os estados brasileiros, além de proporcionar uma reflexão sobre as condições de vida das mulheres do campo e da floresta.

papéis sociais das mulheres e dos homens. Identificar as desigualdades existentes é o primeiro passo para construir a estrutura necessária para superá-las e avançar na mudança da história de injustiças e contradições que tem maior influência sobre as mulheres do campo.

No município de Quixabeira essas desigualdades são visíveis e ocorrem com frequência. Este fato é tão evidente que, no início dos trabalhos dos grupos, quando as mulheres iniciaram o trabalho, houve resistência na aceitação dos produtos por parte da população local.

Para compreender as diferenças construídas socialmente entre homens e mulheres, que muitas vezes são naturalizadas, é necessário entender o conceito de gênero. Muitos acreditam que se trata das diferenças biológicas entre homem e mulher. Estas diferenças foram socialmente construídas. Isso significa que homens e mulheres são moldados pela sociedade, o ser homem e o ser mulher correspondem à papéis sociais estabelecidos: masculino e feminino. E, se são papéis sociais construídos historicamente e não determinado pela natureza, podem ser modificados. Estes papéis sociais masculino e feminino não existem isolados, um é construído na relação com o outro. De acordo com os organizadores da pesquisa DESER – CEMTR (2005), “O conceito gênero considera, ainda, que na sociedade atual as relações entre homens e mulheres não são de igualdades: são relações de hierarquia e de poder dos homens sobre as mulheres”.

Para Lisboa (2003) compreender uma nova perspectiva de gênero seria compreender as percepções de mundo, os valores e os modos de vida, colocando em crise a força do patriarcalismo. Em outras palavras, a perspectiva de gênero possibilita entender que as relações de desigualdade e injustiça entre os gêneros resultam da dominação socialmente construída e que as diversas opressões de classe, raça, geração desempenhadas sobre a mulher são moldadas por uma superposição de domínio.

No que diz respeito as mulheres agricultoras, público alvo da pesquisa, há uma certa delimitação de oportunidades, nesse sentido, Pereira (2009, p.6) salienta que:

Sou proveniente de uma comunidade rural e, durante a minha trajetória escolar, encontrei muitas dificuldades, para construir uma carreira escolar longa, como, por exemplo, a distância entre minha casa e a escola; os meios de transporte escolares precários e também conflitos familiares, pois prevalecia em minha família a hierarquia de gêneros, na qual as mulheres

deveriam ser educadas apenas para a condição de esposa e mãe e, portanto, não se impunha a necessidade de uma escolarização longa, dado que o sustento familiar era visto como responsabilidade exclusiva dos homens. O desejo da minha família era que eu me dedicasse ao trabalho rural, juntamente com eles e aprendesse os fazeres básicos para uma boa “dona de casa” e esposa.

A sociedade contemporânea tendem a estabelecer ou “moldar” as diferenças entre os gênero feminino e masculino. Ou seja, o comportamento de ambos é traçando de acordo com “o que pode” e “o que não pode” isso tem a ver com o jeito de falar, de andar, de trabalhar, de namorar e etc.

Também é a partir do gênero que a sociedade estabelece as desigualdades entre eles, que acaba sendo reproduzida de geração em geração, criando assim uma hierarquia social, por meio dela é que se determina o acesso aos direitos como educação, emprego, moradia, entre outros.

Empoderamento feminino

Recentemente, este termo tomou uma proporção nas redes sociais muito grande que se tornou impossível falar em feminismo sem falar de empoderamento. Segundo a publicação da autora Ana Freitas no website Nexo Jornal, afirma que:

A palavra é um neologismo do educador Paulo Freire que tem origem no termo inglês “empowerment”, define um conceito fundamental para entender as aspirações dos movimentos sociais. O termo conceitua o ato ou efeito de promover conscientização e tomada de poder de influência de uma pessoa ou grupo social, geralmente para realizar mudanças de ordem social, política, econômica e cultural no contexto que lhe afeta.

De fato, é notável que as mulheres que compõem a sociedade atual, vem cada vez mais se apropriando de poder e reconhecendo seu próprio valor, atribuindo domínio sobre diversas situação do cotidiano. Como por exemplo: autoafirmação de sua identidade, reconhecendo suas características próprias independentemente da cor, raça ou etnia a qual pertence.

No município pesquisado, a mulher tem se apropriado dos espaços de organização da sociedade, a exemplo disso, são as entidades citadas anteriormente como parceiros do Projeto *“Mulheres Organizadas, um desejo, nossa ação!”* e que contribuíram diretamente com desenvolvimento do mesmo. Um deles é o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR há anos é presidido por uma mulher que através das ações da entidade busca envolver e motivar a participação das mulheres nos demais espaços da sociedade civil. A outra entidade é a Associação

de mulheres Trabalhadoras de Quixabeira - AMTQ, entidade composta exclusivamente por mulheres, atua diretamente nas questões produtivas e sócias, dando maior visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas mulheres.

Nesse contexto, percebe-se que o empoderamento das mulheres no município pesquisado, tem dado passos imponentes e certos no processo de igualdade de gênero, uma vez que através de parcerias estabelecidas entre as duas entidades (STTR e AMTQ) tem desenvolvido ações como capacitações, palestras, oficinas e cursos voltados para temáticas, como: gestão de empreendimentos, economia solidaria, artesanato, comercialização, violência contra a mulher, saúde, raça/etnia e comemorações como o dia internacional da mulher (08 de março), tais ações aos poucos provocam mudanças significativas no município.

Agricultura Familiar

O conceito de Agricultura familiar compreende diferentes interpretações e historicamente vem ganhando espaço no meio acadêmico, muitos autores deixaram de lado o termo “agricultura de subsistência” e cada vez mais pesquisas são desenvolvidas buscando a valorização da temática. Para o poder governamental do país, a agricultura familiar tem representado um conceito estratégico para o desenvolvimento sustentável do país.

Entretanto, para Wanderley (1997 p.10) agricultura familiar é definida como aquela em que “a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo.” No entanto a dinâmica em que o processo produtivo é organizado nas propriedades rurais, baseia-se na distribuição das tarefas a serem realizadas de acordo, com o nível de força necessário para realizar tal tarefa. Embora percebe-se um reposicionamento da mulher na agricultura familiar, infelizmente ainda se vê os homens cuidarem mais da lavoura, enquanto a mulher se responsabilizam pelos afazeres domésticos, do quintal e da criação de animais de pequeno porte.

A agricultura familiar no Nordeste Baiano, embora apresente uma rica fonte de agrobiodiversidade, o tamanho médio das propriedades, representa um sério problema, pois é no Nordeste que se encontra o maior número de minifúndios de todo o estado.

Segundo, SOUSA e SILVA (2016) apesar da degradação das terras cultivadas; e a diminuição das fontes de água, a agricultura familiar é responsável por 49% das

ocupações rurais no Brasil, utilizando apenas 35% da área agricultável do país. Embora a região Semiárida ocupe aproximadamente 86% da extensão territorial do Nordeste, apresentando problemas de má distribuição das chuvas, a região é responsável por 55% da produção agrícola familiar brasileira. Apesar disso, concentra 63% da população rural com a renda média mais baixa do Brasil: oito salários mínimos por ano.

As terras estão ficando cada vez mais improdutivas por causa da forma que veem fazendo agricultura. O desmatamento, as queimadas, o plantio morro abaixo, a monocultura e o uso de agrotóxicos, provocam erosão, estragam a terra e diminuem a produção ano a ano, além de contribuir para o processo de desertificação. O jeito de cultivar, concentrado em plantar apenas uma espécie contribui para desgaste do solo. Nesses roçados convencionais, onde se capina todo o mato e queima, e se deixa a terra sem cobertura, aparecem “pragas” e “doenças” que estragam a plantação, porque não há outras plantas de que os insetos e bichos possam se alimentar.

No entanto quando agricultores e agricultoras fazem uso de agrotóxicos para combater as pragas, acaba contaminado toda a terra, as lavouras, os alimentos, a água dos rios, dos riachos e do subsolo, os animais e principalmente as pessoas. E assim se desencadeia o desequilíbrio ecológico. Muitas espécies que eram colhidas nos roçados das famílias em um tempo não muito distante, hoje não existem mais. Há exemplos disso como o algodão, o arroz, o café, a mamona e alguns tipos de milho e feijão.

As famílias agricultoras que ainda conseguem produzir dessa maneira enfrentam problemas para vender a produção. Elas são obrigadas a vender aos atravessadores por não estarem organizadas e por não existirem outros canais que facilitem a comercialização.

Diante deste contexto é perceptível que o jeito de praticar a agricultura familiar convencional tem provocado um péssimo resultado, como o empobrecimento da população que mora no campo, a insatisfação de fazer agricultura, o desgaste dos solos e, em muitos casos, abandono da terra por parte da família.

Porém outras práticas têm sido desenvolvida para mostrar outros caminhos possíveis de se fazer agricultura. Num sistema inovador que coloca o agricultor, a agricultora, os jovens e as crianças como parte do sistema e assim vivam com dignidade e prosperidade no campo. Este caminho é chamado de agroecologia.

4. Agricultura Familiar no Âmbito da Agroecologia

A agroecologia parte do princípio em que o ser humano é parte da natureza e desse sistema como um todo. Não está sobre ela, nem a serviço dela. Está para somar, na perspectiva de assumir suas responsabilidades, fazendo a sua parte para que a natureza responda suas colocações da mesma forma que as recebe. A agroecologia ampla e reúne diversas linhas de estudo. De acordo com os autores Caporale e Costabeber (2004) o conceito de agroecologia é:

Agroecologia é um enfoque científico e estratégico, que corresponde à aplicação de conceitos e princípios da Ecologia, da Agronomia, da Sociologia, da Antropologia, da ciência da Comunicação, da Economia Ecológica e de tantas outras áreas do conhecimento, no redesenho e no manejo de agroecossistema que queremos que sejam mais sustentáveis através do tempo. Se trata de uma orientação cujas pretensões e contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção agropecuária, incorporando dimensões mais amplas e complexas que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais, políticas e éticas. Assim entendida, a Agroecologia corresponde ao campo de conhecimentos que proporciona as bases científicas para apoiar o processo de transição do modelo de agricultura convencional para estilos de agriculturas de base ecológica ou sustentáveis, assim como do modelo convencional de desenvolvimento a processos de desenvolvimento rural sustentável.

É identificada uma dificuldade de planejar as ações agroecológicas de forma sistêmica, considerando o trabalho produtivo, reprodutivo e de cuidados com o lar e tudo que está em volta. Todos esses cuidados são essenciais para garantir a sustentabilidade do modo de vida da agricultura familiar. No entanto essas dificuldades de planejamento na produção agroecológica é possivelmente sanada por projetos de assistência técnica que tem essa missão, de contribuir para que agricultores e agricultoras torne sua propriedade cada vez mais produtiva e rentável a fim de garantir sua auto sustentação.

Na agroecologia tudo está interligado, de acordo com o Instituto Giramundo Mutuando, 2005. Isso acontece porque:

Para a Agroecologia a natureza não é um apanhado de recursos que se possa utilizar indiscriminadamente e nem uma máquina a serviço do homem. Ao contrário, na abordagem agroecológica a realidade é vista de forma integrada, buscando-se a interação entre os vários elementos que existem no ambiente. O solo, as plantas, os animais, a água e tudo mais que está à nossa volta, devem ser manejados respeitando-se os limites da natureza e as características da cultura dos (as) agricultores (as). Neste sentido o ser humano é parte da natureza e depende dela. Ao entender a natureza e essas ligações, a família agricultora tem condições de pensar sistemas de produção mais fortes, estáveis e equilibrados. Esta visão integral é chamada de

“enfoque sistêmico”, ou seja, nela a natureza é vista como um todo interdependente e complexo. Esta nova postura, como dissemos anteriormente, exige novos valores. Para se produzir ecologicamente é preciso identificar a relação entre os elementos presentes na produção, observando como o solo, as plantas, os animais, o clima e os demais elementos.

O primeiro plano para a produção orgânica e agroecologia no país disponibilizou cerca de 4,4 bilhões de dólares, a serem investidos em ações de financiamento, extensão rural, pesquisa, comercialização e infraestrutura voltadas para a transição agroecológica. O Plano prevê que em todas as chamadas públicas e as contratações a serem realizadas deve haver uma cota de 50% de mulheres entre os titulares dos contratos e uma cota de 30% de recursos para atividades específicas indicadas pelas mulheres para os seus projetos; além disso, foi anunciada uma chamada pública para atender organizações produtivas de mulheres, com recursos significativos para assistência técnica e extensão rural. De acordo com os autores Caporale e Costabeber (2004), o modelo de extensão rural existente no país, deverá ser inovado para atender a atual conjuntura do meio rural.

O que a Extensão Rural não fez nos anos 1980 deverá operar para assegurar-se nova: mudar radicalmente sua metodologia. Os tradicionais “métodos de extensão” desenvolvidos para dar conta dos processos que levam à adoção de tecnologias que, em geral, caracterizam-se por colocar o extensionista numa posição de dominador e os agricultores numa posição de dominados, deverão dar lugar a uma nova postura metodológica.(...)Logo, além do aporte de tecnologias apropriadas, será necessário um esforço redobrado da extensão rural no sentido da organização dos agricultores beneficiários e no apoio à formação integral de toda a família, de maneira a potencializar suas capacidades criativas e de intervenção na realidade, em busca de solução para os seus próprios problemas. O extensionista deverá passar a entender o público como sujeito da história, respeitando e potencializando sua cultura e seus conhecimentos, favorecendo a ação participativa do grupo familiar e da comunidade, em detrimento ao paternalismo e às soluções prontas.

Por exemplo, as mudanças supracitadas também podem ser percebidas, através da valorização dada às questões das mulheres nos eventos do campo agroecológico, pela criação de instâncias próprias de organização de mulheres dentro de movimentos mistos, assim como pelo aumento no número de publicações dedicadas ao tema (livros, teses acadêmicas, revistas, boletins, vídeos, cartilhas).

Por outro lado, assiste-se hoje em dia a um aprofundamento das lutas políticas dessas mulheres, para além das reivindicações de maior visibilidade do seu trabalho e melhor atendimento nas políticas públicas gerais. Aprofundaram-se, por exemplo, as exigências de implantação de medidas efetivas de prevenção e erradicação da

violência contra as mulheres no campo e na floresta – tema que ganhou importância com a promulgação da Lei Maria da Penha. LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006³, Com forte ressonância entre os movimentos de mulheres rurais atuantes no país.

Certamente a atuação política dessas e de outras lideranças rurais femininas, assim como das organizações e movimentos a que elas pertencem, aliada a uma maior sensibilidade às questões de gênero por parte de setores públicos, ajudou a construir essas mudanças. Um especial destaque dentro do município pesquisado deve ser dado ao grupo temático (GT) de Mulheres do Território de Identidade Bacia do Jacuípe o qual, Quixabeira está inserido. Regionalizados em meados de 2010, estes territórios são utilizados como unidade de planejamento pelo Governo da Bahia, com o objetivo de identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões, o Governo da Bahia passou a reconhecer a existência de 27 Territórios de Identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região. Sua metodologia foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades, através de suas representações, foram convidadas a opinar.

Estes espaços mantêm uma articulação entre os movimentos de mulheres rurais, que abarcam diferentes categorias sociais como: agricultoras familiares, assentadas, sem-terra, quebradeiras de coco, ribeirinhas, indígenas, quilombolas, em todo o país. Além de contribuir para o empoderamento feminino.

2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE QUIXABEIRA

Quixabeira é um município Baiano, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, noroeste da Bahia. Recentemente, com a criação do território de

³ Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

identidade da Bacia do Jacuípe, passou a fazer parte desta, por ser um dos municípios banhados pelo rio homônimo.

5. Aspectos físicos, sociais e econômicos

Com uma área de 368 km² situada dentro do polígono da seca. Segundo as estatísticas do IBGE (2018), apresenta uma temperatura média anual de 28°C, clima semiárido e uma densidade pluviométrica de 500 a 800 mm/ano. Sua altitude é de 431 metros acima do nível do mar e suas coordenadas geográficas são 11° 24' 43" de latitude Sul e 40° 07' 40" de longitude Oeste. Os solos predominantes são os latossolos vermelhos, amarelo álico e coluvionares, granito-gnaiss e rochas básicas e ultrabásicas.

Segundo o IBGE, Censo Agropecuário (2017) a economia quixaberense historicamente é baseada na agricultura familiar em que são cultivados milho, feijão, mandioca, aipim acerola, maracujá, abobora, melancia, pimentão, batata-doce, tomate e outros. Na pecuária, destaca-se a criação de bovinos, caprinos, suínos, aves, asininos e também a criação de abelhas para produção de mel. Há também a criação de peixes em tanques especiais. A feira de animais, onde são vendidos bovinos, caprinos e equinos, no "campo de gado" local, hoje sem força, já foi considerada uma das maiores da Bahia.

Considerando o baixo volume de chuva anualmente no município pesquisado e as demais condições climáticas, ambos acaba desfavorecendo as atividades agropecuárias durante o ano todo. Por tanto vale salientar a grande importância dos programas governamentais como: Um Milhão de Cisternas (P1MC)⁴ e Uma Terra e Duas Águas (P1+2)⁵ realizados pela Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA)

⁴ P1MC- Programa Um Milhão de Cisterna, desenvolvido pela ASA, nasce no início dos anos 2000, com objetivo de atender a uma necessidade básica da população que vive no campo: ter acesso a água de qualidade para beber.

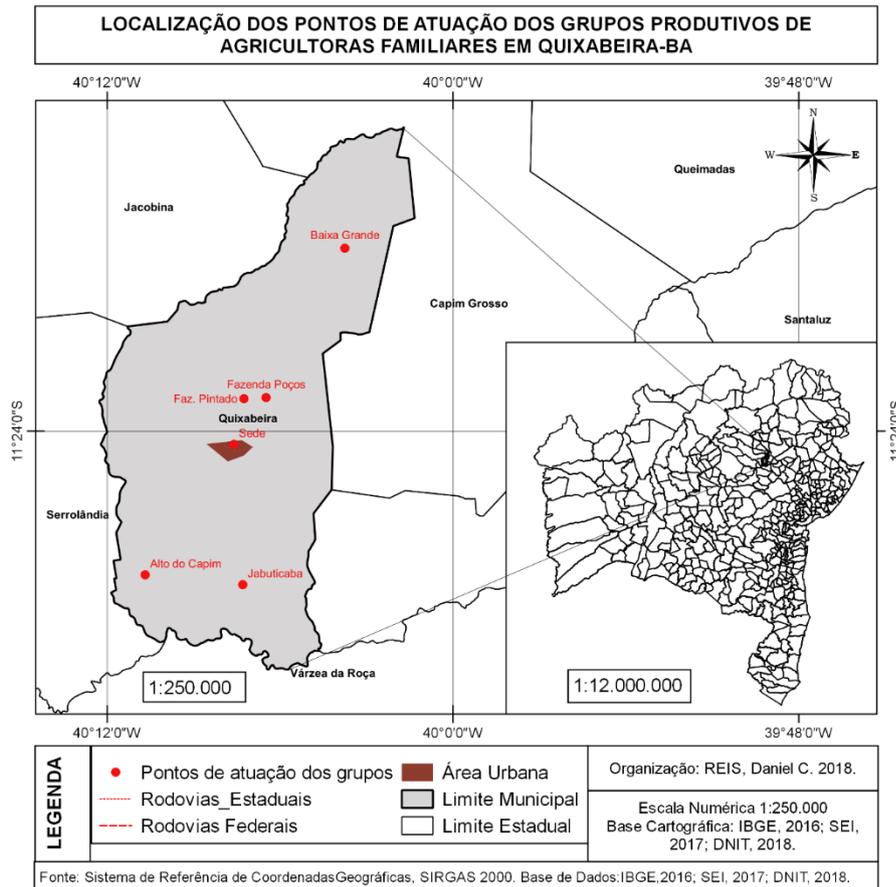
⁵ P1+2 - O 1 significa terra para produção. O 2 corresponde a dois tipos de água – a potável, para consumo humano, e água para produção de alimentos. Trata se de uma ação do Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o Semiárido da ASA.

O objetivo do programa é fomentar a construção de processos participativos de desenvolvimento rural no Semiárido brasileiro e promover a soberania, a segurança alimentar e nutricional e a geração de emprego e renda às famílias agricultoras, através do acesso e manejo sustentáveis da terra e da água para produção de alimentos.

sempre apoiada pelo governo e por diversas organizações não governamentais, juntos formam uma rede de articulação que atuam na gestão e no desenvolvimento de políticas públicas e de convivência com o semiárido. Suas principais ações se baseia na construção de tecnologias para captação e armazenamento da água da chuva, como cisternas de placas, barreiros, entre outros que são destinadas tanto para o consumo humano quanto para a produção de alimentos e para animais.

Estas tecnologias, espalhadas por praticamente todo o município de Quixabeira, contribui para a continuidade na produção de alimentos e assim muitas agricultoras continuam plantando e colhendo seus alimentos mesmo nos tempos de estiagens. Apesar da eficiência desses programas, ainda existe um déficit em estruturas de captação e armazenamento de água no semiárido Brasileiro. A hidrografia do município é composta pelas águas da barragem João Durval Carneiro, açudes e caldeirões, tendo como vegetação predominante a caatinga. O município de Quixabeira faz divisa ao norte com o município de Jacobina, ao sul com São José do Jacuípe e Várzea da Roça, ao leste com Capim Grosso e a oeste com Serrolândia. Fazem parte de sua administração política os Povoados de Jabuticaba, Alto do Capim, Baixa Grande, Campo Verde e Ramal. Dentro de cada um desses povoados e também em outras localidades com fazendas ou comunidades tradicionais, se constituiu um grupo de mulheres que desenvolvem suas atividades de produção e comercialização de alimentos.

6. Grupos produtivos por localidade



A dinâmica e organização dos grupos de mulheres será explanado a seguir:

Grupo de Jaboticaba – localizado no povoado de mesmo nome, Jaboticaba, que surgiu em 1954, fundada pelo senhor Manoel Avelino. O povoado fica a três quilômetros da margem do rio Jacuípe, sendo isso o maior motivo do crescimento e do desenvolvimento desse distrito. Sua economia é baseada na agricultura, como o cultivo de frutas, verduras e hortaliças, além da piscicultura. Em Jaboticaba existem várias associações, que incentivam a busca por melhores condições de trabalho e de vida, a principal delas é a Associação de Pequenos Produtores de Jaboticaba (APPJ), Associação de pescadores, Projeto Conviver, entre outros.

O distrito também tem a importante presença da Escola Família Agrícola (EFA), fundada em 1994, atualmente oferece o Ensino Fundamental e Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária Integrada ao Ensino Médio, visando o estudo em que se compreende a realidade em que seu público atua. Segundo o IBGE (2018) A escola tem uma abrangência de 25 municípios e é apoiada por projetos italianos, como Mägis, CoperazioneItliana, que ajudam a manter projetos como

zootecnia, engenharia, administração, oleicultura, caprino cultura de leite e de corte, apicultura, avicultura e reflorestamento. A escola possui biblioteca, laboratório, sala de informática, auditório, oficina hidráulica e foi implantada pelo Pe. Xavier Nicheles.j.

A pouco mais de uma década, neste distrito nasce o primeiro grupo produtivo com a iniciativa de um mulher, que na época era uma das diretora do projeto CONVIVER, hoje atual membro da Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina – COOPES, fundada em 2005 por agricultoras que ansiavam um mecanismo legal para comercialização de seus produtos. Naquele momento, a então fundadora/diretora do CONVIVER, não só incentivou as mulheres como também escreveu projetos para aquisição de equipamentos que contribuiu para estruturação e fortalecimento do grupo que se dividem em dois subgrupos para desenvolver melhor as tarefa, o primeiro subgrupo se responsabiliza pela produção de polpa de frutas e biscoitos de tapioca, o segundo tem suas atividades voltadas para o artesanato como: pintura em tecido, crochê e costura.

Grupo de Baixa Grande – conhecido como a “terra do beiju”, segundo dados do IBGE (2018) o povoado de Baixa Grande Surgiu em 1970, fundado pelos senhores Keninho, João de Jorge, Adelino Alves de Lima e João Jorge dos Santos. La o grupo produtivo que também surgiu na mesma época do grupo de Jaboticaba, juntas as mulheres produzem os derivados da mandioca (beiju, biscoitos, farinha, goma fresca e bolos) a associação local apoia o grupo, que através de projetos conseguiram construir um espaço coletivo para facilitar a produção.

Os grupos das demais localidade como: Várzea do Canto, Poços, Caraíba, Alto do Capim (comunidade quilombola), Quixabeira –Sede e Várzea Dantas surgiram em meados de 2009 com a aprovação da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009⁶, a mesma determina que no mínimo 30% do valor repassado ao estado, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na compra

⁶ Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica;

Art. 14. Do total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% (trinta por cento) deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas.

de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar. A aquisição desses produtos poderá ser realizada por meio da chamada pública, dispensando-se, nesse caso, o procedimento licitatório desde que os preços sejam compatíveis com os vigentes no mercado local.

A criação da referida lei estimulou as mulheres a criar grupos para produzir alimentação escolar e assim obter sua própria renda. O poder público municipal da época, contribuiu bastante com o processo de organização dos grupos, em 2010 chegou a comprar cerca de 70% de toda a alimentação na mão dos agricultores e agricultoras familiares.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

A presente pesquisa foi desenvolvida, com metodologia específica, tendo como objetivo analisar e interpretar os fatos e os avanços ocorridos nos grupos produtivos acompanhados pelo “*Projeto Mulheres Organizadas: Um Desejo, Nossa Ação!*”. Além disso, houve uma preocupação em investigar entre as participantes da pesquisa outros aspectos também importantes com relação à organização do coletivo, tais como: identificação das características dos grupos, assim como o cotidiano e a relação social de suas integrantes para com a sociedade atual.

Esta pesquisa, do ponto de vista da sua natureza, se classifica em pesquisa qualitativa. Segundo Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trata os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. Sendo assim, o uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

É desejável, segundo Triviños, que a pesquisa qualitativa busque por

“[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.)” (TRIVIÑOS, 1987, p.132).

O questionário foi utilizado como instrumento construído para obtenção de informações pessoais (idade, etnia) e profissionais (tempo de trabalho, perspectivas, avanços, desafios) dos participantes.

Desta forma, as cinco pessoas entrevistadas, foram previamente selecionadas, utilizando-se como critério que fossem do sexo feminino, que ainda fazem ou já fizeram parte dos grupos produtivos. Lembrando que aquelas mulheres, cujo a participação é recente no grupo, não responderão ao questionário.

3.1 Resultados

Os resultados alcançados através desta pesquisa que se deu por meio de coleta de dados ocorridas a partir de entrevistas individuais na residência e/ou local de trabalho das agricultoras que dispuseram seu tempo. O questionário composto por dez perguntas pré-elaboradas (Anexo 1) no intuito de analisar de que forma o projeto contribuiu ou não para a renda familiar das mulheres agricultoras envolvidas, levando em conta a diversificação da produção e ampliação do espaço de comercialização dos produtos.

As mulheres entrevistadas, estão na faixa etária de 39 á 58 anos, sendo que quatro se consideram de cor parda e uma se considera de etnia negra.

Quando foram questionadas sobre a participação no projeto *“Mulheres Organizadas: Um desejo, nossa ação!”*, todas as agricultoras responderam “sim”, mas quando indagadas com relação ao grupo a qual faz/fez parte, percebe-se que ocorre uma grande diversidade, ou seja, cada uma participa de um grupo diferente.

- Sabor natural do Nordeste”
- Tenda Solidária Sabores da Roça.”
- Grupo de mulheres produtoras de Pintado”
- Grupo de Baixa Grande”
- “Grupo da associação AFACAMUQ”

Com relação ao tempo que cada agricultora está no grupo, percebe-se que a sua participação já ocorria antes do referido projeto. É provável que este projeto tenha trazido maior conhecimento sobre a importância do trabalho no coletivo de mulheres.

- “Não lembra”
- “Há 8 anos”
- “Desde 2008, quando formamos a associação de mulheres trabalhadoras de Quixabeira. Daí foi surgindo os grupos.”
- “Mais de dez anos”
- “Foram sete anos”

Há uma grande diversidade de produtos fabricados conforme as respostas dadas por cada coletivo de mulheres:

- “Pães, bolos, sequilhos, beiju, poupa de frutas e leite condensado de licuri”.
- “Bolos, caldos, mingau, sorvete, cocadas, almoços e hortaliças”

- “Sorvete, torta, mingau de milho verde, mugunzá, cocada de licurí, bolo de aipim, suco de frutas nativa para o PNAE além das hortaliças.
- “Biscoitos, pães, beiju, bolo e mingau”
- “Bolo de aipim, arroz doce com leite de licurí, caldo de aipim, bolo de abobora, mingau de milho e pão de batata doce”

Todos os grupos organizados já existiam antes do projeto *“Mulheres Organizadas: Um desejo, nossa ação!”*, mas todas foram unânimes em afirmar que o projeto contribuiu de alguma forma para o fortalecimento e continuidade do trabalho.

- “Sim”, porém não respondeu em quais aspectos houve mudança.
- “Sim, na qualidade de vida e na renda familiar”
- “Sim, nos aspectos de entender melhor o trabalho coletivo”
- “Sim, adquirir mais conhecimentos”
- “Sim, através das trocas de experiências com os outros grupos”

Reforçando mais uma vez a importância do projeto, as agricultoras afirmaram que, dentre as ações que o projeto ajudou a construir, consideram de maior importância as ações a seguir:

- “Juntar mulheres do território para compartilhar conhecimento, e conscientização do papel da mulher na sociedade, sua autonomia e liberdade de expressão.”
- “Atuação da mulher em outros espaços, o empoderamento feminino.”
- “Para mim foi um projeto rico, porque com a troca de experiência dos dois municípios os intercâmbios, os trabalhos em grupo, as meninas técnicas do projeto e o vídeo (produzidos no final do projeto), esse foi muito importante a nossa marca Mulheres organizada um desejo nossa ação. *Foi nota dez!* produzir no quintal de casa e nos colocava na barraquinha solidaria, cada produtora tem uma cisterna no quintal.”
- “Participação nas feira de economia solidaria”
- “As oficinas temáticas, principalmente sobre saúde e violência doméstica”

A comunidade em que os grupos estão atuando, também demonstram apoio ao trabalho desenvolvido pelas mulheres, o que se confirma nas respostas abaixo:

- “Trabalho importante, pois gera renda para a sustentabilidade das famílias, além do aprendizado adquirido através do conhecimento prévio de cada participante do grupo e valorização da agricultura.”

- “A comunidade reconhece a qualidade dos alimentos ofertados e dando apoio as mulheres agricultoras”
- “Um trabalho solidário onde envolve todos sempre buscando o melhor para desenvolver a própria comunidade”
- “A comunidade valoriza e apoia”
- “A comunidade apoiava bastante e gostava do trabalho do grupo, pena que acabou”

Os avanços conquistados pelo grupo mediante ao apoio recebido pelo projeto foram:

- “Obtivemos acompanhamento técnico, curso de formação, fomos contempladas com equipamentos de primeiro, para que produzíssemos produtos qualitativos e quantitativos e o selo que permite nos vender nossos produtos.”
- “Inserção das mulheres nos movimentos sociais, direitos para categoria feminina, conquista de novos projetos e novos espaço”
- “Para nós o projeto não acabou, deu um tempo. Hoje continuamos produzidos hortaliças e graça a deus já conquistamos novo espaço a tenda solidaria onde vendemos nossos produtos”
- “Ganhamos equipamentos para o grupo. Através da parceria estabelecida entre o projeto e a UNICAFS”.
- “Não teve avanço porque o grupo parou de produzir”

Em relação aos desafios enfrentados pelas mulheres no âmbito da agricultura familiar, as mesmas afirmaram que:

- “Lidar com o período de estiagem e escoamento dos produtos”
- “O clima, a escassez de agua, falta de reconhecimento e apoio”
- “Os desafios e conquistar mais espaço e poder vender para o PNAE.”
- “Disponibilidades por parte das mulheres em voltar a participar das reuniões”
- “Manter uma alimentação mais saudável com produtos somente da agricultura familiar”

Sobre o trabalho desenvolvido pelos homens e o trabalho desenvolvido pelas mulheres, as entrevistadas responderam:

- “Não há diferenças”

- “Existe diferença nos seguintes aspectos: braçal-trabalho feito pelo homem. Doméstico-trabalho feito pela mulher. No cultivo com as hortaliças as mulheres são mais frequente”
- “É que as mulheres tem a facilidade de trabalhar com as mãos, colocar as mãos na massa como diz o ditado e os homens não tem o conhecimento da agricultura.”
- “O trabalho desenvolvido pela mulher tem que visto de maneira igual”
- “As mulheres são mais organizadas e tem mais capricho. Por isso o trabalho delas se diferencia do trabalho dos homens. Devem ser respeitadas e valorizadas”

Após a coleta dos dados, faz se necessário uma análise criteriosa de todas as respostas, levando em consideração os seguintes pontos:

- Participação no projeto *“Mulheres Organizadas: Um desejo, nossa ação!”*: todas as entrevistadas fizeram parte e acompanharam o projeto de forma intensa. Reconhecem que o apoio deste, contribuiu significadamente com desenvolvimento dos grupos e também com a autoestima e valorização das mulheres que viram o projeto como oportunidade de crescimento pessoal, que se concretizou por meio dos encontros de formação com foco nos aspectos produtivo, econômicos e sociais.
- Valorização do trabalho das mulheres: percebe – se que, o processo de valorização dos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres acontece de forma lenta, o que necessariamente precisa ser melhor aprofundado. A prova dessa valorização precisa ser visualizada de acordo com as ações expostas pelas comunidades locais, que se dá por meio da compra e consumo dos produtos fabricados por estas mulheres.
- Desafios encontrados pelas mulheres: ao desenvolverem suas atividades nos grupos produtivos, a descontinuidade dos projetos de assistência técnica, acaba desmotivando a continuidade destes trabalhos. No entanto a maior preocupação ainda é a comercialização destes produtos.
- Diferenças entre o trabalho desenvolvido por mulheres e homens dentro da agricultura familiar: de acordo com as respostas, essa diferença existem porém, não foram todas as entrevistadas que souberam explicar quais são estas diferenças. Entretanto, vale ressaltar que as diferenças existentes no campo

da agricultura familiar se expressam de acordo com a força física, isso porque a sociedade ainda vê a mulher como um ser “frágil”. Assim cabe a elas as atividades voltadas para o autoconsumo familiar, as tarefas domésticas, o cuidado com os filhos e filhas; quando o trabalho da mulher se volta para o plantio e/ou trabalhos mais pesados, esse trabalho acaba sendo visto como apenas uma “ajuda” colocando a figura do homem sempre em posição mais elevada em relação a mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluído, até aqui o trabalho de elaboração e estruturação da pesquisa mostra que temos ainda muito a aprender sobre as relações de gênero como todo e em especial no contexto da agricultura familiar. Neste espaço, em que as relações do trabalho exigido para manter a diversidades do campo/meio rural, é praticamente comum atribuir o sucesso da propriedade a apenas ao trabalho do homem. Poucas vezes se reconhece que o trabalho desenvolvido pelas mulheres ao longo da história colabora para a segurança alimentar da família e a preservação da agrobiodiversidade em que se expressa em diversas modalidades de práticas cotidianas.

Entretanto, as reflexões sobre as relações de gênero deve ser adotadas como princípio básico do desenvolvimento rural sustentável em que se busca a igualdade de direitos, não se trata de uma disputa de quem faz mais ou menos, e sim de parceria que juntas, tornam –se mais fortes e mais produtiva.

As políticas sociais que busca e promovem igualdade de gênero, dando suporte técnico para melhorar a produção dos grupos de mulheres, deve ser apoiada e intensificada pelos gestores municipais e por toda a sociedade civil. Sendo este o melhor caminho para construção da sustentabilidade.

Dessa forma, reafirmando os objetivos propostos neste trabalho, em que se propõem, analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, social e as relações de gênero dos grupos produtivos de mulheres no município pesquisado, todo esse contexto de organização social do município, vem da própria luta das mulheres que enfrentaram a barreira do preconceito e mesmo sendo minoria sempre se faz presente nos debates políticos. Por exemplo, a coordenação/diretoria do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) é composta parcialmente por mulheres, assim como várias associações locais, há também representantes femininas na câmara municipal de vereadores. Desse modo, observa-se a conquista do empoderamento feminino, da autonomia e da liberdade para tomar suas próprias decisões, buscando sua autossuficiência e assim, conquistando seus direitos.

Investigar os pontos negativos e positivos do projeto social vivenciado pelos grupos produtivos de mulheres é fundamental, pois dessa forma, abre-se espaço para uma avaliação e reflexão acerca das reais contribuições deixadas por estes projetos.

Ressalto que o modelo imposto por parte de quem financia projetos sociais deve ser repensada, principalmente no quesito tempo, sendo que normalmente é estipulado a duração de um ou dois anos, após esse período, os financiadores suspendem os recursos e dá por encerrado o projeto, essa conjuntura acaba inviabilizando e tornando ineficaz a construção do desenvolvimento sustentável local. Infelizmente os agentes receptores desses projetos, isto é, em alguns casos os agricultores e agricultoras ainda não tem autonomia suficiente para dá prosseguimento aos projetos sem o acompanhamento de uma entidade.

Porém, a importância desse projeto social para os grupos produtivos foi bastante relevante nos aspectos de relação de gênero dentro do próprio grupo, que acaba refletindo também no contexto familiar, uma vez que os encontros temáticos e oficinas trataram de assuntos ligados a convivência em grupos, enfatizando questões como: o papel da mulher na propriedade familiar e suas contribuições na construção da agrobiodiversidade tão urgente e necessária.

Entretanto é essencial rever a realidade destes grupos produtivos de dentro, isto é, interrogar a sua própria constituição neste momento histórico. O entendimento por parte das mulheres envolvidas no processo é, pois, fundamental para assegurar e valorizar seus trabalhos coletivos. Deveríamos ter isso em mente, ao pensar na construção de novas horizontalidades que permitirão, a partir da base da sociedade territorial, encontrar um caminho que nos libere da maldição da “globalização perversa” que estamos vivendo e nos aproxime da possibilidade de construir “uma outra globalização”, capaz de nos restaurar e nos encaminhar na direção de um mundo mais justo em que homens e mulheres possam usufruir dos mesmos direitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CAPORAL. F. R.; COSTABEBER. J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre (RS) 2004.

HORA, K.; MACEDO, G.; REZENDE M; **Coletânea sobre estudos rurais e gênero: Prêmio Margarida Alves 4ª Edição**, org. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015. 280 p.

www.ibge.gov.br **Censo Demográfico 2000**. Acessado em Agosto de 2018.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Retrato das desigualdades de gênero e raça** [et al.]. 4ª edição. (Org.) ONU Mulheres, Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília, Ipea, 2011.

ITURRA, R. Letrados y campesinos: el método experimental en la antropología económica. In: SEVILLA GUZMÁN, E.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. (eds.). **Ecología, campesinado e historia**. Madrid: La Piqueta, 1993. p.131-152.

LISBOA, T. K. **Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis: Argos, 2003.

<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/10/06>. **Origem do conceito de empoderamento**. Acessado em 27 de julho de 2017.

<http://www.quixabeira.ba.io.org.br>. **Quixabeira: Agricultura Familiar Será Destaque na TV em Rede Nacional**. Acessado em 27 de julho de 2017.

MUTUANDO, Instituto Giramundo. **A Cartilha Agroecológica**. Botucatu, SP: Editora Criação Ltda, 2005.

<http://www.sdr.ba.gov.br>. **Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia**. Acessado em agosto de 2017.

<http://asabrazil.org.br> Acessado em novembro de 2018.

MAZZETTO, Carlos Eduardo. Modo de apropriação da natureza e territorialidade camponesa: revisitando e ressignificando o conceito de campesinato. Artigo publicado em: **Revista Geografias** Vol.3, N°1. Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2007, p. 46 a 63. Disponível em: www.cantacantos.com.br/revista/index.php/geografias/article/.../116/83 Acesso em: novembro de 2018.

PEREIRA, S. B. de O. **Trajetórias Escolares de Jovens rurais e a relação com a escola**. Trabalho de conclusão de curso - Graduação em Pedagogia. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2009.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade e o desenvolvimento rural brasileiro**. In: BOTELHO F. F. (Org.). Cadernos do CEAM: Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial: Contribuições ao Debate. n. 17, Brasília: UNB/CEAM/NEAGRI, fev. 2005.

GOTTMANN, J. **A cerca do método de análise na Geografia Humana**. p.133-140. In: Boletim Geográfico. v.7, n.74, 1949.

SILIPRANDI E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Editora: UFRJ, 2015.

SILVA. A.F, SOUSA. J.E. **Agricultura agroflorestal ou Agrofloresta**. 3ª edição. Série Conhecimentos; v. 06. Centro Sabiá, 2016.

TORRENS, J. C. S; MENASCHE, R. **Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite**. (Org.) Departamento Sindical de Estudos Rurais DESER; Comissão de Mulheres Trabalhadoras Rurais CEMTR. Curitiba – Paraná. 1996.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, M; ROCHA; VASCONCELLOS, A.M de A. Comunidades rurais, Capital social e desenvolvimento territorial. In: ROCHA, Gilberto (org.). **Município e Território**. NUMA/UFPA, 2011. p. 202-226.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: Encontro de pesquisa sobre a questão agrária nos tabuleiros Costeiros de Sergipe, 2. 1997, Aracaju- SE. **Anais...** Aracaju: EMBRAPACPATC,1997. p.9-57.

WOORTMAM, E. F. **Herdeiros, Parentes e Compadres**. Editora Universidade de Brasília. São Paulo, 1995.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 4º ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

Pesquisa: **RELAÇÕES DE GÊNERO NA AGRICULTURA FAMILIAR:** Vivências das mulheres e seus grupos produtivos no município de Quixabeira - BA

O presente questionário tem como objetivo, identificar o que mudou nas relações sociais e familiar de gênero depois do projeto “Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!” assim como analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, dos grupos produtivos atualmente. Antes de responder, leia atentamente o termo de consentimento livre e esclarecido. Se estiver de acordo em participar desta pesquisa, responda as perguntas que seguem abaixo. Lembrando que não existe respostas certas ou erradas, apresente respostas de acordo com suas concepções e vivências. Desde já agradeço a sua colaboração.

DADOS DO ENTREVISTADO/A:

Qual a sua idade: _____

Como você declara a sua Cor/Etnia?

() Branca () Negra () Parda () Indígena () Asiático

1. Você participou do projeto “Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!” ?
 sim
 não
2. Qual é o nome do grupo produtivo que você faz parte?

3. Há quanto tempo você faz parte desse trabalho coletivo?

4. Quais são os produtos que seu grupo produz?

5. O trabalho desenvolvido pelo projeto “Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!” contribuiu para sua vida pessoal?
 sim
 não
 Se sim em quais aspectos?

6. Dentre todas as ações desenvolvidas no projeto “Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!” qual a que você considera mais importante?

7. Como a sua comunidade ver o trabalho desenvolvido pelos grupos produtivos?

8. Depois do projeto, quais foram os avanços conquistados pelo seu grupo produtivo?

9. No seu ponto de vista, quais são os desafios encontrado no trabalho desenvolvido pelas mulheres na agricultura familiar atual?

10. No âmbito da agricultura familiar, existe diferença entre o trabalho desenvolvido pelos homens e o trabalho desenvolvido pelas mulheres?

sim

não

Se sim, quais são essas diferenças

ANEXO II

Termo de consentimento livre e esclarecido



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, Nelcimária Santos Moraes, convido a Sr.^a para participar da pesquisa referente ao meu trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, sob a orientação da Prof.^a Gislene Mota (UNEB). Tal pesquisa tem como objetivo geral, Analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, social e as relações de gênero dos grupos produtivos de mulheres.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de um questionário, e em caso de dúvidas, poderá perguntar a qualquer momento. É indispensável que saiba a importância de sua participação para o encaminhamento da referida pesquisa, porém, se após concordar com a sua participação a Sr.^a desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem prejuízo a sua pessoa.

A Sr.^a não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo armazenada em sigilo. Para qualquer outra informação, poderá entrar em contato no endereço de e-mail: ninanel.paz@hotmail.com, pelo telefone (74) 9 81054457. Este termo apresenta duas vias, ambas assinadas por mim e pelo/a senhor/a, ficando uma cópia para cada um.

Jacobina - BA, _____ de _____ de 2018.

Nelcimária S. Moraes (Pesquisadora)

Participante (colaborador/a da pesquisa)

Anexo III

Questionário da Pesquisa intitulada **RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR**: Vivências dos grupos produtivos de mulheres no município de Quixabeira – BA

O presente questionário tem como objetivo, identificar o que mudou nas relações sociais e familiar de gênero depois do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" assim como analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, dos grupos produtivos atualmente. Antes de responder, leia atentamente o termo de consentimento livre e esclarecido. Se estiver de acordo em participar desta pesquisa, responda as perguntas que seguem abaixo. Lembrando que não existe respostas certas ou erradas, apresente respostas de acordo com suas concepções e vivências. Desde já agradeço a sua colaboração.

DADOS DO ENTREVISTADO/A:

Qual a sua idade: 49

Como você declara a sua Cor/Etnia?

() Branca (X) Negra () Parda () Indígena () Asiático

1. Você participou do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" ?

(X) sim

() não

2. Qual é o nome do grupo produtivo que você faz parte?

Grupo de Boixa Grande

3. Há quanto tempo você faz parte desse trabalho coletivo?

mais de 10 anos

4. Quais são os produtos que seu grupo produz?

Biscoito, pão, Bujão, Pão de mel, mingau

5. O trabalho desenvolvido pelo projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" contribuiu para sua vida pessoal?

(X) sim

() não

Se sim em quais aspectos? mais conhecimento

6. Dentre todas as ações desenvolvidas no projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" qual a que você considera mais importante?

Participação nos fóruns de economia solidária.

7. Como a sua comunidade ver o trabalho desenvolvido pelos grupos produtivos?

A comunidade valoriza o trabalho

8. Depois do projeto, quais foram os avanços conquistados pelo seu grupo produtivo?

ganhou equipamentos de trabalho que
e parceria de trabalho

9. No seu ponto de vista, quais são os desafios encontrado no trabalho desenvolvido pelas mulheres na agricultura familiar atual?

Dificuldade de encontrar os pontos certos

10. No âmbito da agricultura familiar, existe diferença entre o trabalho desenvolvido pelos homens e o trabalho desenvolvido pelas mulheres?

(x) sim

() não

Se sim, quais são essas diferenças

que o trabalho tem que ser visto em igual

Questionário da Pesquisa intitulada **RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR**: Vivências dos grupos produtivos de mulheres no município de Quixabeira – BA

O presente questionário tem como objetivo, identificar o que mudou nas relações sociais e familiar de gênero depois do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" assim como analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, dos grupos produtivos atualmente. Antes de responder, leia atentamente o termo de consentimento livre e esclarecido. Se estiver de acordo em participar desta pesquisa, responda as perguntas que seguem abaixo. Lembrando que não existe respostas certas ou erradas, apresente respostas de acordo com suas concepções e vivências. Desde já agradeço a sua colaboração.

DADOS DO ENTREVISTADO/A:

Qual a sua idade: 45

Como você declara a sua Cor/Etnia?

() Branca () Negra (X) Parda () Indígena () Asiático

1. Você participou do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" ?
 sim
 não
2. Qual é o nome do grupo produtivo que você faz parte?
Sabon. Natural do Nordeste
3. Há quanto tempo você faz parte desse trabalho coletivo?
há lembra
4. Quais são os produtos que seu grupo produz?
Pães, Bolos, Biscoitos, Biscoitos, papéis de frutas e leite condensado de leite
5. O trabalho desenvolvido pelo projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" contribuiu para sua vida pessoal?
 sim
 não
 Se sim em quais aspectos?
6. Dentre todas as ações desenvolvidas no projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" qual a que você considera mais importante?
Junta mulheres do território para trabalhar com cimento, e conscientização do papel da mulher na sociedade, sua autonomia e liberdade de expressão.

7. Como a sua comunidade ver o trabalho desenvolvido pelos grupos produtivos?

Trabalho importante, pois gera renda para a sustentabilidade das famílias, além do aprendizado adquirido através do conhecimento prático de toda a participação do grupo, e valorização da agricultura

8. Depois do projeto, quais foram os avanços conquistados pelo seu grupo produtivo?

(Atividades ^{Técnicas} acompanhamento (leitura) classes de formação, temas contemplados com equipamentos de produção para que produzissem produtos qualitativos e quantitativos, e o belo que permite nos vender nossos produtos.

9. No seu ponto de vista, quais são os desafios encontrado no trabalho desenvolvido pelas mulheres na agricultura familiar atual?

Lidar com o período do estogem e beneficiamento dos produtos.

10. No âmbito da agricultura familiar, existe diferença entre o trabalho desenvolvido pelos homens e o trabalho desenvolvido pelas mulheres?

() sim

(x) não

Se sim, quais são essas diferenças

Questionário da Pesquisa intitulada **RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR**: Vivências dos grupos produtivos de mulheres no município de Quixabeira – BA

O presente questionário tem como objetivo, identificar o que mudou nas relações sociais e familiar de gênero depois do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" assim como analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, dos grupos produtivos atualmente. Antes de responder, leia atentamente o termo de consentimento livre e esclarecido. Se estiver de acordo em participar desta pesquisa, responda as perguntas que seguem abaixo. Lembrando que não existe respostas certas ou erradas, apresente respostas de acordo com suas concepções e vivências. Desde já agradeço a sua colaboração.

DADOS DO ENTREVISTADO/A:

Qual a sua idade: 47

Como você declara a sua Cor/Etnia?

() Branca () Negra (x) Parda () Indígena () Asiático

1. Você participou do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" ?

(x) sim

() não

2. Qual é o nome do grupo produtivo que você faz parte?

Tenda Solidária Sabores da Roca

3. Há quanto tempo você faz parte desse trabalho coletivo?

8 anos

4. Quais são os produtos que seu grupo produz?

Doce, Caldos, mingaus, sorvete, cocada, almôço, hortaliças.

5. O trabalho desenvolvido pelo projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" contribuiu para sua vida pessoal?

(x) sim

() não

Se sim em quais aspectos?

Na qualidade de vida e na renda familiar.

6. Dentre todas as ações desenvolvidas no projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" qual a que você considera mais importante?

A atuação da mulher em outros espaços.
O empoderamento feminino.

7. Como a sua comunidade ver o trabalho desenvolvido pelos grupos produtivos?

Reconhecendo a qualidade dos alimentos
prestados e como forma apoio as mulheres
agricultoras.

8. Depois do projeto, quais foram os avanços conquistados pelo seu grupo produtivo?

Inclusão das mulheres nos movimentos
sociais e direitos para categoria feminina.
A conquista de profissões e espaço.

9. No seu ponto de vista, quais são os desafios encontrado no trabalho desenvolvido pelas mulheres na agricultura familiar atual?

Clima: escassez de água, falta de reco-
nhecimento e apoio.

10. No âmbito da agricultura familiar, existe diferença entre o trabalho desenvolvido pelos homens e o trabalho desenvolvido pelas mulheres?

sim

não

Se sim, quais são essas diferenças

Brasão: trabalho feito pelo homem.
Doméstico: trabalho feito pela mulher.
No cultivo com os familiares as mulheres são
mais frequentes.

Questionário da Pesquisa intitulada **RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR**: Vivências dos grupos produtivos de mulheres no município de Quixabeira – BA

O presente questionário tem como objetivo, identificar o que mudou nas relações sociais e familiar de gênero depois do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" assim como analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, dos grupos produtivos atualmente. Antes de responder, leia atentamente o termo de consentimento livre e esclarecido. Se estiver de acordo em participar desta pesquisa, responda as perguntas que seguem abaixo. Lembrando que não existe respostas certas ou erradas, apresente respostas de acordo com suas concepções e vivências. Desde já agradeço a sua colaboração.

DADOS DO ENTREVISTADO/A:

Qual a sua idade: 58

Como você declara a sua Cor/Etnia?

() Branca () Negra (X) Parda () Indígena () Asiático

1. Você participou do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" ?

(X) sim

() não

2. Qual é o nome do grupo produtivo que você faz parte?

GRUPO AFACAMUC

3. Há quanto tempo você faz parte desse trabalho coletivo?

FORAM 7 ANOS

4. Quais são os produtos que seu grupo produz?

ARROZ DOCE, Bolo de Aipim, CALDO DE Aipim, Bolo de Abóbora, Mingau de milho, PÃO DE BATATA DOCE

5. O trabalho desenvolvido pelo projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" contribuiu para sua vida pessoal?

(X) sim

() não

Se sim em quais aspectos? TROCA DE EXPERIÊNCIA COM OUTROS GRUPOS.

6. Dentre todas as ações desenvolvidas no projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" qual a que você considera mais importante?

AS OFICINAS TEMÁTICAS, PRINCIPALMENTE SOBRE SAÚDE E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

7. Como a sua comunidade ver o trabalho desenvolvido pelos grupos produtivos?

A COMUNIDADE APOIAVA BASTANTE E GOSTAVA DO TRABALHO DO GRUPO. PENAS QUE ACABOU

8. Depois do projeto, quais foram os avanços conquistados pelo seu grupo produtivo?

NÃO TEVE PORQUE O GRUPO PAROU DE PRODUZIR

9. No seu ponto de vista, quais são os desafios encontrado no trabalho desenvolvido pelas mulheres na agricultura familiar atual?

MANTER UMA ALIMENTAÇÃO MAIS SAUDÁVEL COM PRODUTOS SOMENTE DA AGRICULTURA FAMILIAR.

10. No âmbito da agricultura familiar, existe diferença entre o trabalho desenvolvido pelos homens e o trabalho desenvolvido pelas mulheres?

sim

não

Se sim, quais são essas diferenças

AS MULHER SÃO MAIS ORGANIZADAS E TEM MAIS CAPRICHOS. POR ISSO O TRABALHO DELAS SE DIFERENCIA DO TRABALHO DO HOMENS. POR ISSO DEVE SER RESPEITADA E VALORIZADA.

Questionário da Pesquisa intitulada **RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR**: Vivências dos grupos produtivos de mulheres no município de Quixabeira – BA

O presente questionário tem como objetivo, identificar o que mudou nas relações sociais e familiar de gênero depois do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" assim como analisar o desenvolvimento organizacional, econômico, dos grupos produtivos atualmente. Antes de responder, leia atentamente o termo de consentimento livre e esclarecido. Se estiver de acordo em participar desta pesquisa, responda as perguntas que seguem abaixo. Lembrando que não existe respostas certas ou erradas, apresente respostas de acordo com suas concepções e vivências. Desde já agradeço a sua colaboração.

DADOS DO ENTREVISTADO/A:

Qual a sua idade: 39 anos

Como você declara a sua Cor/Etnia?

() Branca () Negra (X) Parda () Indígena () Asiático

1. Você participou do projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" ?
 sim
 não

2. Qual é o nome do grupo produtivo que você faz parte?

grupo de mulheres produtoras de pintado

3. Há quanto tempo você faz parte desse trabalho coletivo?

Jordy 2008 quando formamos a ARDE. de Mulheres
trab. de Quixabeira ai foi reunido os grupos.

4. Quais são os produtos que seu grupo produz?

na produção de leite, torta, mingau de
milho verde, minguaço, cocada de licuri, bolo
de Aipim/Milho, doces da fruta nativa para o
PVAE. Além das hortaliças que cada um produz

5. O trabalho desenvolvido pelo projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" contribuiu para sua vida pessoal?

sim

não

Se sim em quais aspectos? no aspecto de de "entender mais o
coletivo"

6. Dentre todas as ações desenvolvidas no projeto "Mulheres Organizadas, um desejo nossa ação!" qual a que você considera mais importante?

para mim foi um projeto rico pq. com a
troca de experiências dos dois municípios, os
intercâmbios, o trabalho em grupos, as reuniões
técnicas do projeto. e o uideo esse foi muito
importante a nossa moria mulhous org. um
desejo nossa ação foi so!

7. Como a sua comunidade ver o trabalho desenvolvido pelos grupos produtivos?

Um trabalho solidário onde envolve todos, sempre buscando o melhor para desenvolver a própria comunidade.

8. Depois do projeto, quais foram os avanços conquistados pelo seu grupo produtivo?

para nós o projeto não acabou de um tempo hoje nós continua produzindo hortaliças e legumes e ainda já conquistamos a tinda solidária onde nós vendemos nossos produtos

9. No seu ponto de vista, quais são os desafios encontrado no trabalho desenvolvido pelas mulheres na agricultura familiar atual?

os desafios e conquistar ^{os} espaços e poder também vender como um dia para o PVAE.
A produção

10. No âmbito da agricultura familiar, existe diferença entre o trabalho desenvolvido pelos homens e o trabalho desenvolvido pelas mulheres?

(A) sim

() não

Se sim, quais são essas diferenças

É que as mulheres tem a facilidade de trabalhar com as mãos, colocar as mãos na massa como diz o ditado, e os homens, eles não tem o conhecimento da agricultura.